



# TRIBUNA Livre

9  
AGOSTO  
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62112 - AMARES

## Energia eléctrica

Por Paulo B. Macedo

A electricidade é hoje, para os povos, factor de progresso, índice de civilização, seiva preciosa da sua vida, fonte de bem estar, comodidade e higiene, esteio da economia doméstica e mola real da indústria e agricultura.

Um povo com electricidade barata é um povo com o caminho do progresso aberto na sua frente.

Em grande parte, dela depende o nível de vida dum povo.

Somos um país privilegiado pela natureza para a conquista dessa energia, sobretudo nesta parte do País, onde a exploração hidro-eléctrica tem já enormes aproveitamentos em serviço, mas muito ainda por aproveitar.

Neste aspecto, embora len-

ta demais para a importância crescente das necessidades e para a grandeza do programa, tem sido segura e bem orientada a política do Estado.

Quanto aos resultados prática dessa política tem sido um fracasso.

Não somos técnicos para poder demonstrar por  $a + b$ , que a produção de energia hidráulica custa  $x$  em função do capital empregado e das despesas de administração e conservação.

Não vamos também demonstrar que a energia eléctrica, dada a sua importância para a vida da Nação, sobretudo porque somos contados por País atrasado, não devia ser onerada com tamanhos

(Cont. na 4.ª página)



TEMPLO E CRUZEIRO DA ABADIA

## Santuário da ABADIA

Por EME

Encastado em montes abruptos, perdido nos contrafortes da Serra do Gerês, encontra-se o lugar da Abadia com o seu sumptuoso Santuário, orgulho das Terras de Entre-Homem e Cávado pela nobreza dos seus pergaminhos — pela sua antiguidade, que remonta aos primórdios da nacionalidade; pela sua histórica fundação, em que interveio decisivamente a realeza; pela sua projecção religiosa, só comparável em importância à de S.ta Maria de Alcobaca; pelo valioso centro de devoção que ainda é e mais longe podera ir, se nós quisermos restituí-lo à grandeza de outrora, a que tem jus.

Quem, mesmo em uma visita superficial, mas com olhos de ver, tiver ocasião de presenciar a opulência deste Santuário, embora sem conhecer a sua histórica origem e a sumptuosidade a que subiu e em que se manteve durante muitos séculos, ficará impressionado pela grandiosidade externa e interna da estruturação arquite-

(Continua na 2.ª página)

## REFLEXÕES SOBRE A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

### Do que cumpre conhecer para emendar

Nas Câmaras Municipais: Muita política e poucas obras. Vinganças e privilégio aos inertes.

Não há dúvida que temos Câmaras bem servidas, mas seria tolice não concordar que em algumas as coisas correm mal e os seus casos não são revistos com a frequência merecida. Mal, em algumas, porque se não trabalha; mal, noutras, por serem o pomo de discórdia entre as pessoas que são da situação.

Dentro da orientação política que o País vem seguindo, não tendo a União Nacional a vitalidade e a actividade que deveria ter, são as Câmaras Municipais que desempenham a principal ou quase total actividade política, especialmente nos concelhos menos importantes, ou melhor, que não sejam sede de distrito.

### Toma posse hoje o novo Chefe do Estado

Hoje, perante a Assembleia Nacional, presta juramento o novo Chefe do Estado, Contra-Almirante sr. Américo Tomás, eleito em 8 de Junho findo.

Trata-se do terceiro Presidente da República na vigência do Estado Novo, homem honesto, sensato e íntegro, com larga folha de serviços prestados ao País.

A Nação espera, confiadamente, que sob o mandato do novo Presidente da República o povo português experimente a paz, o prestígio e o bem estar de que vem usufruindo, mas agora acrescentado por mercê do aumento de produção e riqueza nacional a que os planos de fomento conduzem.

Política e administrativa-mente, sente-se uma ansia incontida de renovação que aproveite os nossos valores e possibilite o rejuvenescimento do Regime.

Que o País se una em volta do seu Magistrado supremo, ajudando-o a conduzir a Chefia do Estado e o povo português para o progresso, bem estar e unidade nacional.

Se a muitos Presidentes de Câmara o tempo e a acção permitem o cabal desempenho da função política e administrativa, outros, olham especialmente para o primeiro aspecto, por ser o menos trabalhoso, e deixam o segundo para as horas vagas que nunca chegam.

A primeira preocupação é a da política, pois através dela o homem que dirige promoverá o preenchimento das vagas que vão surgindo, hoje na U. N., amanhã nos diferentes lugares da Câmara, a seguir nos de outros organismos, sempre de modo a que lá fiquem pessoas de confiança para que o seu problema não seja amanhã posto com sentido de substituição.

Depois acontece o que é frequente ver-se: o que impota é que o homem tenha aquelas condições de subserviência que se exigem, que saiba dizer sim sem vontade própria, e tudo está certo.

Se há concelhos em que faltam os homens e por isso não há que reparar, noutros abundam mas desprezam-se e faz-se mesmo a escolha de forma acintosa, na certeza de que a denúncia não surgirá a público e se surgir é mais uma confidencial a que se responde negativamente, fazendo com que o processo vá para o cesto dos papéis.

Em casos como este deveríamos ter a intervenção imediata e resoluta do Governador Civil competente, de maneira a impedir situações que prejudiquem as terras e revoltem os espíritos, por não haver nelas decência e honestidade.

É certo, bem o sabemos, que as Câmaras são autónomas e não têm de guiar-se por imposições. Mas também é certo que podendo o Governo nomear e demitir o orientador, pode e deve olhar-se-lhe os passos para lhe não permitir abu-

(Cont. na 4.ª página)

## ALGUNS PASSOS DENTRO DE ESPANHA

### Uma Procissão Grandiosa

que os católicos portugueses deviam ver

É vulgar ao minhoto dar um passeio até à Galiza tal como nós fizemos no início desta semana.

Tão vulgar que não julgávamos trazer algumas notas até este semanário, se não fosse o acaso que nos levou a presenciar a procissão que anualmente se realiza em Vigo, em honra do Santíssimo Cristo da Vitória.

Já que viemos até aqui contemos.

Ir ao estrangeiro dá sempre nota de sensação. Essa sensação é até maior se se trata de passeante primário. Invariavelmente cria o ânimo de elogiar, tornando as coisas superiores às nossas quando inferiores, dando-lhe cor quando a não têm — é chique dizer bem do estrangeiro mesmo que no confronto sejamos injustos para o que é nosso.

Quem percorrer desde a fronteira até Pontevedra ou até Vigo, ou melhor, quem

quiser conhecer a Galiza, verá um cenário oferecido pela natureza muito igual ao nosso, o que, aliás, a ninguém pode admirar...

Mas se quiser confrontar o estado das casas, das vias terrestres e telefónicas, etc., terá que fazer um juízo que nos é francamente favorável.

Pontevedra, capital de província, famosa pelas suas touzadas, teve-nos algumas horas dentro das suas ruas de asfalto e das suas casas de granito que, para não fugirem à regra, não apresentam o cuidado das nossas. Nos edifícios adivinha-se a grandeza da Espanha de há duas ou três dezenas de anos e compreende-se que a última vintena não tem permitido progresso; começam-se, agora a divisar os passos com que a Nação sai dessa situação em que a colocou a bem conhecida guerra civil, guer-

(Cont. na 4.ª página)

# SANTUÁRIO DA ABADIA NOTÍCIAS da ABADIA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

ctónica do templo, ou repará, com espanto, na originalidade das suas obras de arte. As artísticas capelas ao longo da via principal com valioso recheio de imagens, o original aquartelamento para romeiros, o belo cruzeiro e o monumento no pico de S. Miguel, o santuário a transpirar ainda a grandiosidade vivida outrora, tudo, enfim, e até o cenário que envolve este recanto sagrado da Abadia, se enquadram num grandioso conjunto, arrancado simultaneamente ao esforço e inspiração humanas e à privilegiada acção da natureza.

Ao depararmos com o que se nos apresenta à vista, fica-nos a pairar na mente, como seria possível levar a efeito obra de tal monta, num sítio daqueles!

Que poder ou que força haveria gerado tal prodígio?!

Tudo nos aguça a curiosidade para aprofundar o milagre da Abadia, desvendar-lhe os mistérios, sondar-lhe as origens, saber como viveu na sua maré alta.

Só um espírito mal formado poderá, efectivamente, contentar-se em ver, apenas, esta obra de vulto, que em tudo revela grandeza e se impõe, só por si, à

consideração de quantos possam presenciar-lá, sem estremecer de emoção e sentir vontade de ir beber nas suas fontes históricas, tão remotamente quanto possível, para se imbuir melhor no meio ambiente destas santas paragens da Abadia. Mas se isto poderá acontecer a qualquer visitante ocasional e estranho, com maioria de razão impressionará qualquer amarense que pela primeira vez penetre nesta sagrada mansão a que, certamente, ficará espiritualmente preso para toda a vida, mormente se vier a conhecer as suas prerrogativas históricas.

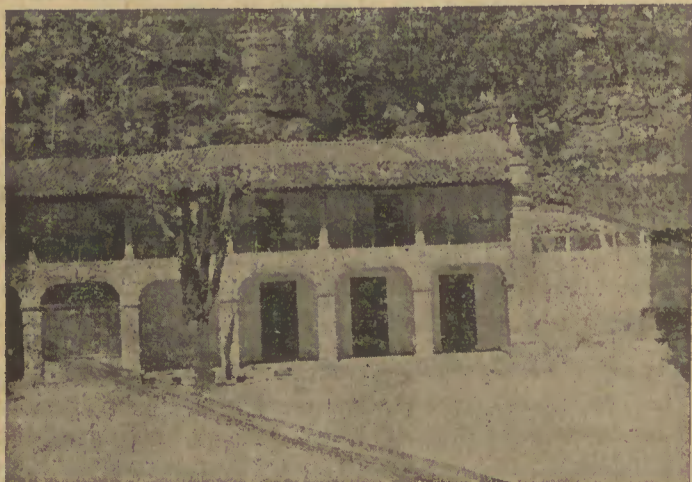
Com o louvável intuito de ajudar a restituir este grandioso Santuário ao seu primitivo valor, empenho este em que muito anda esforçada a actual Confraria temos, desinteressadamente, vindo a inserir aqui e continuaremos a fazê-lo, periodicamente, um belo manuscrito, de leitura acessível e leveza de forma, que a pena de um monge cisterciense produziu para a posteridade e que merece ser profusamente divulgado.

Foi-nos gentilmente fornecido pelo incansável investigador, Senhor professor Domingos M. da Silva, a quem se fica a dever mais este valioso contributo para a obra de divulgação do Santuário da Abadia.

Poderíamos, neste momento, trazer à recordação dos nossos leitores, pela nossa pena, algum episódio histórico da Abadia, como já temos feito noutras ocasiões, mas preferimos continuar a verter aqui este texto original, que tem melhor sabor literário e nos faz viver alguns momentos de agradável convívio com um laureado cronista da história do Santuário da Abadia.

Mas se, conhecendo o passado e galgando o presente, quisermos penetrar o futuro da Abadia, conduzir-nos-emos pela mão do ilustre reitor do Santuário da Abadia, Reverendo Padre Francisco Antunes de Almeida, através das páginas do seu livro recentemente editado, «O ressurgir da Abadia», que se lê de um só fôlego devido ao interesse que desperta, de capítulo a capítulo, em emoção crescente, e que nos põe a sonhar com grandeza jamais prevista, sem dúvida difícil de realizar e que será absurdo para espíritos pusilâmines — não para homens de arrojado temperamento e ânimo forte, como os do Ilustre Autor de «O ressurgimento da Abadia», que não só apresenta os problemas, mas sabe equacioná-los, pondo em marcha realizações, ainda que ousadas.

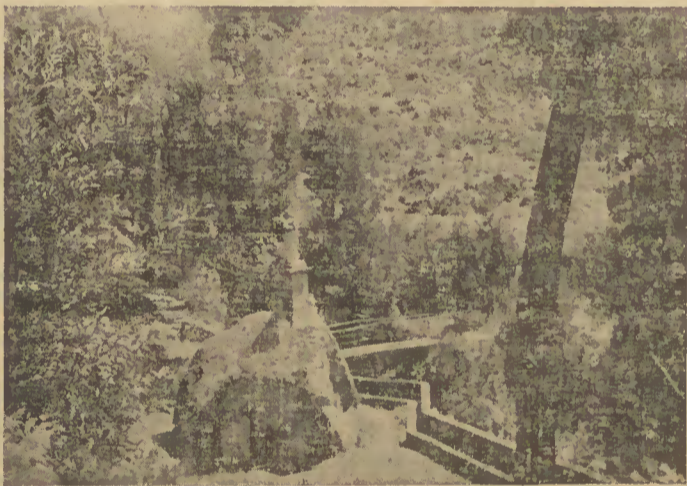
Parabéns ao Autor e ao Santuário da Abadia, neste seu ressurgir para nova época de grandeza.



CASA DAS OFERTAS



IGREJA E CONVENTO DE BOURO



A LAPINHA-GRUTA DA APARIÇÃO

## NOTÍCIAS da ABADIA

Por FREI MANUEL DE FIGUEIREDO (Mans. 1494-21 da B.N.L.)

(Continuação)

Reconhecendo seus poucos méritos à posse do maior tesouro do Céu, por ele renderam graças ao Senhor, e logo mudaram a sua antiga habitação do alto do monte para aquele sítio, que também é assás fragoso e não tem mais terra chão que quanta se possa lançar três tiras de pedra ao comprido e uma de largo; tudo mais rodeado de montes aspérrimos que, subindo as nuvens de todas as partes, ficam murando aquele pequeno vale, por onde desce, em vários cursos, grande cópia de água que, com o estrondo que faz nas quebras daquelas altíssimas serras, excita os ânimos à devoção e enleva-os na contemplação das coisas do Céu.

Os dois ermitões, pelo ano de 1120 de J. C., fundaram aí uma pequena ermida, feita pelas suas próprias mãos, da qual puseram, com a decência que permitia tanta pobreza, aquela prodigiosa imagem.

O arcebispo de Braga, D. Paio Mendes, logo teve conhecimento deste prodígio e foi pessoalmente visitar a Imagem da Senhora.

Deu os ornamentos para o altar que então estava feito; e à sua custa mandou fundar uma igreja de pedra lavrada e boa grandeza, que existiu até 1644, data em que se reedificou com maior magnificência o Real Mosteiro de Santa Maria da Abadia, de que existe o corpo principal.

A fama dos grandes prodígios, que a Mãe de Deus, com a invocação de Senhora da Abadia, fazia naquele sítio, fê-lo tão conhecido que logo começou a devoção e os fieis a buscar na milagrosa imagem o seu patrocínio e nele quis, com profundo mistério, que só a Deus é reservado; fazer inumeráveis benefícios a todos que em suas aflições e necessidades ali concorriam, como era bem notório e se comprovava com mais de 40.000 almas que durante o ano (1766) iam a seu magnífico Santuário tributar as devidas graças pelos benefícios que da Sua liberal mão tinham recebido.

Logo de princípio, muitas pessoas movidas das muitas maravilhas que ali operava a Rainha dos Anjos e ao mesmo tempo da grande santidade dos dois ermitões, vieram para a sua companhia e de suas mãos tomaram o hábito eremítico, de modo que em pouco tempo já parecia mais mosteiro de comunidade religiosa que habitação de ermitões solitários; e em todos se viam estranhos rigores de santidade e de penitência.

Passados alguns anos, querendo o Senhor pagar a seus servos o muito que haviam trabalhado em sem serviço, levou para si o ermitão antigo e pouco depois ao seu bom discípulo Paio Amado, cujas cinzas descansam fora do templo, ao lado da Epístola, em sepultura rasa, com a seguinte inscrição (que o tempo já gastou):

«AQUI JAZ O BEATO PLAGIO AMADO  
ADVOGADO DEANTE DE DEUS PARA OS QUE  
PADECEM ACHAQUES DAS COSTAS».

\* \* \*

Por falecimento de Paio Amado, sucedeu-lhe no governo da comunidade um varão virtuoso chamado Nuno, que no mundo fora muito rico e de nobre ascendência, em cujo tempo estando em Braga D. Afonso Henriques, e convidado dos inumeráveis milagres da Soberana Senhora da Abadia, com piedoso zelo e terno afecto ali veio pessoalmente a visitar a Autora de tanto bem; e, certificado dos maiores prodígios e das virtudes dos pobres ermitões que ali serviam a mesma Senhora, deixou-lhes, para reparo do altar e para ser dividida pelos servos de Deus, uma esmola verdadeiramente filha de sua real mão e piedoso ânimo.

Movido depois, como se pode conjectuar, de impulso soberano, falou o mesmo rei ao abade D. Nuno, animando-o a fazer um mosteiro e reduzir seus súbditos a um modelo de congregação, prometendo-lhe para tanto seu favor e serviço.

E, como o abade D. Nuno praticasse este negócio em comum, pareceu a todos os seus companheiros tão agradável, que, sem discrepância, todos juntos pediram ao próprio rei D. Afonso Henriques que, pois que Deus o fizera autor de tão santo conselho, o fosse também de lhes designar Religião aprovada, em que vivessem debaixo de uma regra santa que lhes assegurasse o caminho da perfeição.

Como a Ordem de Cister, que anteriormente havia sido de S. Bernardo, florescia novamente; e El-Rei por obrigação e afecto lhe tinha uma particular devoção, disse a D. Nuno que em nenhuma poderia viver mais conforme com a perfeição que desejavam, do que nela.

EME

(CONTINUA)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Incêndio

No passado sábado dia 2 do corrente, quando se procedia à queima do fogo de artifício, na festa da Senhora das Angústias, na freguesia de Barreiros, manifestou-se incêndio numas medas de palha, na propriedade de José Fernandes, tendo ardido algumas delas no valor de algumas centenas de escudos.

Os nossos bombeiros, montando 2 agulhetas evitaram que o sinistro alastrasse a um prédio que se encontrava junto.

## GOÃES

### Vindo do Brasil

Encontra-se entre nós, vindo dos Estados Unidos do Brasil, o Senhor Carlos José da Silva, que vem descansar entre os seus, sendo bem recebido este nosso conterrâneo, a quem felicitamos e desejamos que goze muito em ambiente cheio de felicidade.

### VISITA

Passou de visita, por esta freguesia, o sr. António José de Sousa, da rua de S. Braz n.º 231-Porto, nosso conterrâneo e dedicado assinante de «Tribuna Livre», que se mostrou muito interessado pelo artigo em curso, sobre Goães, da Monografia do Concelho Amares.

Nos dias 9 e 10 de Agosto, festa em honra de N.ª S.ª do Livramento e S. Lourenço

Dia 9 — Pelas 20 horas realiza-se uma grande procissão de velas, que sairá da capela de S. António para a capela da S.ª do Livramento e na mesma irá o andor de N.ª S.ª do Livramento. No fim da procissão será queimada uma grande sessão de fogo.

Dia 10 — Às 6 horas haverá missa rezada na igreja paroquial, ao meio dia terá lugar a missa solene na capela da S.ª do Livramento, que será cantada pelo orfeão da Banda de S. José.

Às 3 horas haverá uma magestosa procissão que percorrerá o itinerário do costume e encorporar-se-ão nela os andores de N.ª S.ª do Livramento, S. Lourenço, N.ª S.ª de Fastio e S. Sebastião, bem como grande número de anjinhos e figurados.

No final da procissão haverá um cortejo de ofertas, que reverterá a favor das despesas dos ditos festejos.

A comissão das festas está

empenhada no acto festivo e emprega os melhores esforços no sentido de abri-lhantar o melhor possível, tanto o acto religioso como o arraial.

Os rapazes do arco, assim como as raparigas que o enfeitam, estão a demonstrar brio na forma como se dedicam a este serviço, bem como ao asseio do recinto da capela.

Lamenta-se apenas não se rezar o clamôr em honra de S. Lourenço, como sempre o fizeram, em que tomavam parte muitos fieis de fora da freguesia, pelo menos uma pessoa de cada família perdendo a protecção para os seus frutos agrícolas. Que S. Lourenço se compadeça de nós.

Serão as festas abrilhantadas por instalações sonoras e pela Banda de S. José, da cidade de Braga.

C.

## Vida elegante

### Aniversários

Completo, na passada sexta-feira, dia 8 do corrente, a sua 20.ª primavera a gentil menina Maria do Céu de Sousa Pinheiro, filha do S.ª D. Judite de Sousa e do sr. Adelino José Pinheiro, ajudante do Conservador do Registo Civil, deste concelho.

À aniversariante os nossos parabéns.

Fazem anos:

Hoje — o sr. Manuel da Conceição da Cunha Martins.

Segunda-feira — o sr. Américo Raul Pereira.

Terça-feira — a gentil menina Maria Mavilde Feio Guimarães Almeida.

Quarta-feira — o sr. José Cacioano Gonçalves Macêdo.

Quinta-feira — a sr.ª D. Estela Arantes Menezes e a sr.ª D. Berta Gonçalves Leite.

Sexta-feira — o sr. António Leite Ramos Azevedo.

**Automóveis de Aluguer**  
DE  
**José António Vieira**  
Carros de 4 e 6 lugares  
Telef. 65130 (na residência)  
Termas de Caldelas

## A «Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

## Grupo excursionista de «A Modelar»

Este grupo, que se compõe de gráficos das nossas oficinas, na sua última reunião elegeu a seguinte direcção: Presidente, Afonso Veloso; secretário, Manuel da Siva Gomes e Tesoureiro, Manuel Martins Fernandes.

Brevemente este grupo percorrerá o país, fazendo propaganda editada das belezas do nosso concelho.

## EXCURSÃO

### de Amares ao Algarve

A realizar de 12 a 19 de Março de 1959, com o seguinte itinerário

Amares, Braga, Porto, S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, Águeda, Luso, Buçaco, Coimbra, Pombal, Fátima, Batalha, Alcobaca, Tomar, Castelo do Bode, Torres Novas, Santarém, Lisboa, Cacilhas, Setúbal, Alcácer do Sal, Grândola, S. Tiago de Cacém, Odemira, Lagos, Portimão, Faro, Tavira, Vila Real de Santo António, Mértola, Beja, Évora, Extremoz, Portalegre, Castelo Branco, Fundão, Covilhã, Guarda, Viseu, Mar-

co de Canavezes, Lixa, Felgueiras, Guimarães, Braga e Amares.

Qualquer pessoa que desejar inscrever-se, é favor dirigir-se ao Sr. Francisco José de Sousa, de Barreiros, ou ao Sr. Armando Joaquim Dias, Feira Nova Amares.

## Daqui, Paradela do Rio

Continuação da 6.ª página

guem que nunca foi nem uma coisa nem outra, porque não se lhes rala que os portugueses definem. Dar nome e criar nome, ser falado lá na estranha, permutar fotografia e correspondência... mentir a Deus e ao próximo, mentir cá e mentir lá... isso sim! Esta é a caridade-mentira! Esta não constará dos registos de Deus, muito embora tenha algo de bom depois de alicerçada cá, entre nós e por nós.

O mundo, prenhe de falsidades, enrodilha a caridade num pecado que brada aos céus!

Amáveis leitores, terei eu alguém que possa refutar o que fica dito?! — Não. Creio que mentirmos a nós próprios é refinada traição.

Julho de 1958

B. Ribeiro

## Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

Os primeiros tempos da mocidade tinham-nos levado na confecção do bragal. De roda da lareira, nas longas noites de inverno, enquanto os homens assavam castanhas, elas fiavam, fiavam sempre; depois teciam até encher a arca, expressamente mandada fazer do melhor cartanheiro dos campos ribeirinhos.

E ficava pronta, na escola de pais que poderiam servir de modelos do verdadeiro, do autêntico casal cristão de tão profundas tradições, a subir por sua vez esse longo e custoso calvário que foi o da exemplaríssima vida conjugal de nossos antepassados e aqui, do modo mais singelo e sem artificios de prosa, se pretende transformar em altíssimo padrão de sentido e unânime reconhecimento a sua memórial

Nas Inquirições de 1.220: «De Sancto Iacobo de Goães» — Iam à entrovicada, ao apelido (convocação), ao Castelo de Bouro e á Portela de Homem, em tempo de guerra.»

(Continua no próximo número)

## Goães

### De Visita

Vindo de França encontra-se juntamente de seus pais, nesta freguesia, a passar um mês de férias, o senhor João Batista Rodrigues Saraiva.

Veio junto de nós a mandar inscrever como assinantes os senhores:

Francisco José de Almeida e João António Vieira Rodrigues.

Gostosamente fizemos estas inscrições e já lhe enviamos os jornais de 2 de corrente.

Agradecidos ao sr. João B. Rodrigues Saraiva, a quem desejamos muitas felicidades.

## TELEFONES MAIS ÚTEIS DE AMARES

BOMBEIROS V. de Amares . . .	62113
	62141
Câmara Municipal de Amares . . .	62121
Casa de Saúde de Amares . . .	62122
Correios { Amares . . . . .	62116
	65116
Delegação de Saúde . . . . .	62145
	62127
Farmácias { Amares . . . . .	62124
	62124
	3863
	65121
Guarda Republicana — Amares . . .	62115
Hospital S. Marcos — BRAGA . . .	18
	Amares . . . . .
	62120
	Feira Nova . . . . .
	62117
	Bouro . . . . .
	3867
postos Públicos { Caldela . . . . .	65120
	Entre Pontes . . . . .
	7119
	Goães . . . . .
	3862
	Rendufe . . . . .
	7117
	Sequeiros . . . . .
	65137

## HUMORISMO

### De volta da Escola

Sabe papá, aquele menino que era o primeiro da aula, esta agora no quarto lugar.

— Vez, não estudou como era costume.

— Ao passo que eu era o décimo continuo a sê-lo...

### Conversando

— Encontrei este lindo anel na rua.

— Se o encontraste e és honesto, deves deitar ao jornal a fim de saber quem o perdeu!...

— Tens razão... diz-me: qual é o jornal que menos se vende?

### Entre Patrões

— Eu cá prefiro sempre que os meus empregados tenham mulher e sogra.

— Por quê?

— Por que nunca têm pressa de ir para casa.

## Visado pela Censura

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Estes tempos nunca mais voltarão; e por certo ninguém o deseja, pois nunca se esquecerão as vexações e desgraças que se lhes atribuem; mas do caos dos tempos antigos algum bem pode ainda colher-se, que também seus clarões tinha o século das trevas.

Saber separar o trigo do joio, é para os que governam uma das mais proficuas ciências. »

Quebrados os nós de uma cadeia, pela demência de uma época, que projectou sobre largo futuro as terríveis consequências do seu desvairamento, pouco mais se encontra, em triste inventário, que solares dados ao abandono, desbaratados; ossos que os braços cobriram, e foram da fina flor de uma geração que se deixou embalar nas blandícias de um sonho—agora, como que o demónio da « Liberdade » rindo-se de suas vítimas, trá-los profanados à raiz das plantas, onde a capela vinculada também caiu em ruínas.

A lição do tempo!

\* \* \*

O casamento, tão maliciosamente interpretado em devaneios da literatura, obedecia a cálculos de justa ponderação, com vista a manter as famílias no caminho das suas tradições, de suas grandezas e pergaminhos: numa palavra, para não ser desigual nem em família nem em haveres.

A demagogia, com o fim em vista de destruir todos os prestígios e confundir todas as classes, lançou-se em cerrada campanha contra todos esses naturais preconceitos, acusando o clero regular e secular de « casamenteiro », quando em furiosos ataques se atreveu a ir-lhe à mão, a combater a legítima e generalizada acção em que a Igreja naturalmente se achava investida — a do seu integral apostolado na necessária manutenção de um proveitoso equilíbrio social.

E, se neste particular quisermos tirar a prova basta relancear os olhos por algumas crónicas do amor em Portugal no século XXVIII, para lá encontrar, aliada à ilustração, a má-fé do tempo:

*«Por que será que os frades de Bouro  
Fazem tanto casamento?  
Para haver moças casadas  
Que os vão catar ao convento...»*

Contra esta e quejandas insidiosas insinuações, que por vezes se deparam aos olhos de modesto investigador, quanto à insuspeita dignidade da mulher dos nossos campos, a qual em meio da crise de desmoralização de costumes que o modernismo torna patente em seu sexo, sempre ela tem sido, em seu sector, o mais firme sustentáculo da família e do lar cristão; porventura a única e prometedora esperança de geral saneamento, não se pode deixar de lavar aqui o mais sincero e veemente protesto de revolta.

É evidente que sempre houve e haverá anomalias e misérias, mas de fraquezas não reza a história e a pena logo as repele, mal fareja a podridão.

Não se julgue que marido e mulher vivem em constantes e ruidosas manifestações de ternura, em permanente pinga amor; pelo contrário, os frequentes ralhos na excitação e rudeza do trabalho, na discussão de medidas proveitosas à economia doméstica, à criação dos filhos—estes problemas asoberbantes tornam o casal agitado mas seguro contra todos os ricos, nas alternativas da vida conjugal.

Até este ponto, a mulher chega a impor-se ao marido; o que nunca desce, nem se inferioriza, é em discutir com ele a união indissolúvel que os uniu.

Solteira, não abdicou dos folguedos das festas e dos arraiais, das feiras e das romarias que são, por índole, o seu único distraimento.

Casada, as despedidas tinham lugar quando na primeira romagem iam « desposados », com os trajes do noivado, à Senhora da Abadia.

Dantes, as filhas das famílias gradas iam à igreja de « morlomas » pela festa principal.

Adornadas dos melhores vestidos e galas, carregadas de ouro ao peito e à volta do colo robusto, era, sem esse intuito, o que hoje se chama « apresentação » na sociedade, nas velhas e saudosas prag máticas da vida rural.

(Continua na 3.ª página)

## Energia eléctrica

(Continuação da 1.ª página)

dividendos e tão chorudos ordenados e gratificações, na produção.

Também não vimos aqui criticar o facto de estas enormes alcavalas se desdobrem em outras tantas nas companhias distribuidoras, com os mesmos dividendos e ordenados e gratificações de administração.

Não nos traz também às colunas deste jornal inúmeros gastos idênticos nos Serviços Municipalizados e também não interessa para o que queremos tratar, o encargo que advém da produção termo-eléctrica que muito a vem onerar para um justo equilíbrio tarifário nacional.

Finalmente, não interessa aqui lembrar que o próprio Estado devia isentar-se de quaisquer lucros, por qualquer forma obtidos nesta actividade de tão acentuado interesse nacional, porque ela é fonte de tal riqueza que tudo suporta.

Temos no entanto o dever de pensar o que seria sem tantos interessados no bolo e aliviada da sempre pernicioso burocracia. Os fabulosos lucros das companhias já foram objecto de severa crítica na A. N.

E já que falamos em burocracia vamos apresentar factos que só nos dizem respeito, mas que são triste reflexo do que se passa por esse Portugal.

Os concelhos de Amares e Terras de Bouro, têm dentro do seu seio os aproveitamentos da Caniçada. Ali se produzem centenas de milhões de kilovátios-hora, através das suas potentes turbinas. Ficamos privados de grandes terras de cultivo e ficou seco um troço de muitos quilómetros do nosso rio que tanto prejudicou a agricultura marginal e inutilizou a pequena indústria de moagem. Os nossos campos e pinhais foram anputados da sua arborização, na parte coberta pelas linhas da Hica, da Electro Del Lima e da Chenop, que aqui se cruzam.

Vítimas do progresso, assistimos, — qual suplício de Tântalo — à transfusão dessa seiva bendita através de potentes cabos para a cidade do Porto e outras, para quem é um salutar benefício e a quem vai dar o conforto duma vida moderna por preço barato, de tal forma que resolve todos os problemas domésticos e industriais, enquanto nós temos de a ir buscar fora, através de magros fios e a peso de ouro.

O concelho de Terras de Bouro sem luz, até há poucos dias, e com a Central da Hica no seu seio, teve que a ir buscar à Chenop, para o que construiu linhas com mais de 30 quilómetros.

A Câmara de Amares, tem por iluminar a metade do concelho que fica a 2 quilómetros da Central e tem de gastar cerca de 800 contos pa-

ra também a ir buscar à Chenop.

As companhias tudo é permitido, até faltarem aos seus contratos com a nossa Câmara; a Chenop ficou obrigada a fazer esta instalação, assunto que já foi tratado neste jornal.

Durante 20 anos se esquivou ao seu cumprimento com o pretexto da falta de material provocada pela guerra. Terminado o contrato sem ser obrigada a cumpri-lo por negligência criminosa do anterior Presidente da Câmara, negou-se a fazer tal instalação. Fosse como fosse, o Estado não devia permitir tal abuso e devia obrigar a Companhia a cumprir ou ideminizar a Câmara pelos prejuízos causados, ou então que seja permitido à nossa Câmara ir à Hica buscar a corrente, para esta parte do Concelho, por conta da Chenop.

E porque não? burocracia! Estamos aqui porém para criticar os preços desconcertantes e dispares da energia.

Há já vários anos que Sua Ex.ª o Senhor Ministro da Economia prometeu um preço uniforme da corrente eléctrica para todo o País, ao anunciar o programa de aproveitamentos.

Por que motivo, volvidos tantos anos, estamos a assistir à contradição flagrante dessa promessa?

Porventura a energia eléctrica é privilégio de uns para castigo dos restantes?

Será desta forma que se obsta ao empilhamento da indústria nos grandes centros?

As restantes vilas e cidades do País não têm o direito de ter corrente ao mesmo preço para fomento da sua pequena indústria, e até para a possibilidade de instalação de grandes unidades? Somos mais ricos que eles?

A agricultura não será merecedora das mesmas regalias, ou vive em situação que possa dispensar esse auxílio?

Os nossos magros consumos são motivo para tal abandono e desprezo?

Entre um consumo de muitas centenas de milhões de kilovátios, gastos pelos grandes centros são pesado encargo uns escasos milhões dos restantes (nós gastamos 150 mil apenas)?

Isto concorrerá para um mais alto nível de vida do País?

Não. Há muita coisa que está mal.

Sabemos que tem de haver indústrias privilegiadas como o Amoníaco Português e a Siderurgia Nacional que, para já, foram criadas para consumir as sobras.

Não se venha com questões técnicas.

Porventura a alavanca e contador por onde passa a energia que vai para o Porto não são iguais às que a liga aos concelhos de Amares e Terras de Bouro?

A energia não provém das mesmas fontes produtoras e não tem ali o mesmo custo?

Mas há mais. Porque é que o pão, o bacalhau, o petróleo e seus derivados, etc., tem o mesmo preço em todo o País e não ha-de ter a energia eléctrica?

Não é ela porventura hoje tão indispensável como aqueles produtos?

Não existem naqueles produtos, alguns comprados no estrangeiro a preços diferentes, preços e encargos dispares, o que não sucede com a corrente eléctrica?

Mas se acontece, não pode para esta haver, como existe para aqueles, um fundo de compensação, regularizador do preço?

Cada novo contrato da nossa Câmara com a Companhia provoca nova subida de preço que S. Ex.ª o Senhor Ministro da Economia sanciona.

Vamos ter subida de preço, cuja tarifa já foi mencionada. A Lavoura, já tão combatida, vai pagar a energia com um acréscimo de 50%, o mesmo acontecendo com a pequena indústria. Já foram apagadas metade das lâmpadas da iluminação pública, e depois da meia noite, mesmo de inverno, tudo fica às escuras. Fogões eléctricos, aquecimento, ferros eléctricos, iluminação de montes, reclames luminosos, enfim tudo quanto constitui conforto da vida moderna e de que o Porto goza, nós nem nisso podemos pensar.

Vegetamos!

As nossas linhas de baixa tensão estão podres e sem capacidade. Os transformadores não aguentam a carga em tempo de rega e os lavradores têm de regar de noite.

Triste e sombrio panorama o nosso!

Que perspectivas sombrias neste caminhar!

Mas a culpa não é do Município, que não tem recursos. A culpa é de cima.

O factor aplicado para as contribuições gerais do Estado é igual em todo o País. Porque não são iguais os benefícios a usufruir pela Nação?

Como nacionalistas e com a consciência plena dos direitos e obrigações de bons portugueses, achamos que é esta a altura própria para se apontarem os defeitos do regime que o Chefe prometeu remediar.

Que a Imprensa regionalista e diária nos secunde na crítica deste magno problema nacional, ampliando-a e desenvolvendo-a, com números e conhecimentos que nos falham, a fim de que os benefícios de tão importante sector da vida económica da Nação, sejam usufruídos por todos os portugueses, e não só por alguns, que teimaram em desvirtuar os salutaros e honestos princípios de orientação de Salazar, para seu proveito próprio e em prejuízo da Grei.

P. B. M.

**Assinai e propagai  
a «Tribuna Livre»**

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Delegado: ANTONINO NOGUEIRA MARTINS

## Grupo Folclórico de Terras de Bouro

Informamos com prazer que, para aquisição de instrumental com destino ao simpático e nável grupo, de harmonia com os pedidos formulados em circular da respectiva Comissão organizadora, recebemos até hoje as seguintes importâncias:

Dr. Artur Arantes . . . . .	100\$00
Dr. Fernando de Sousa, do Gerês . . . . .	50\$00
P.e António Monteiro de Covide . . . . .	50\$00
Jacinto da Silva (Hotel Maia do Gerês) . . . . .	100\$00
Soma . . . . .	300\$00

Bem hajam pela sua generosidade.

## Após um desastre desapareceram 10 contos

O sr. João de Deus Vaz, de 35 anos, industrial, residente no lugar de Mutagara, distrito de Tete, Moçambique, e acidentalmente a morar na rua Osório de Castro, 58, Bragança, teve, na passada sexta-feira, um acidente com um automóvel que conduzia, próximo da freguesia de Covas, concelho de Terras de Bouro, de que lhe resultou um ferimento no frontal, pelo que recolheu a um quarto particular do Hospital de S. Marcos da cidade de Braga.

Acontece, porém, que ao iniciar o seu passeio por estas terras do Minho, o sr. João de Deus Vaz trazia dez mil escudos em notas do Banco de Portugal num dos bolsos das calças, dinheiro que lhe desapareceu misteriosamente. O caso foi entregue à Secção de Justiça da P. S. P., que já realizou algumas diligências no sentido de ver se descobre o autor do furto.

## Pavoroso incêndio

Em Vilar da Veiga, no monte, propagou-se um grande incêndio que se calcula tivesse dado estragos de cerca de 300.000\$00, devido à grande área queimada do montado. Ardeu durante dois dias consecutivos apesar dos esforços desesperados da população para o extinguir. Supõe-se que tenha havido não criminosa na propagação deste incêndio, visto que apresentava três focos distintos, o que veio dificultar ainda mais a sua extinção. Apesar do grande calor que tem feito, é convicção geral que este incêndio não se propagou espontaneamente, pelas condições em que se ateou.

Visado pela Censura

## Notícias pessoais

### Leite Mendes

Sentimos dar novamente a notícia desagradável do internamento hospitalar, pela segunda vez, do sr. Leite Mendes, especialmente depois de termos noticiado que havia regressado e estava convalescente. Continuamos a desejar-lhe, cada vez mais sentidamente, o rápido restabelecimento.

### De regresso

Regressou de gozo de férias, bem merecidas, o Ex.mo Sr. Ermenegildo Henrique de Carvalho Maia, digníssimo notário nesta vila.

## Reflexões sobre a eleição Presidencial

(Continuação da 1.ª página)

tos que resultam em desprestígio para a Causa.

Mas o que vemos, infelizmente, é que a intervenção desejada quase nunca se dá e os povos sofrem uma governação que na maior parte das vezes tem um Presidente e o mais são pessoas inertes. Se aquele se não esforça, acontece que tudo parou, pois lá dentro não haverá espírito de iniciativa a impôr-se e a obrigar a máquina a andar.

Surge aqui, nestes casos, o Secretário do Município a mandar, indiferente a tudo e a todos, impolítico, beneficiando quantas vezes da moleza do seu superior, quase sempre sendo ele a causa das maiores desavenças na família política do concelho.

Muitas das vezes, a tal situação de inércia em que foi colocado o concelho por premeditada acção do seu presidente, escolhendo homens sem acção, tem a conivência dos próprios Governos Cívicos. É que a paz a que aquela situação dá ori-

## Romaria de S. Bento

Começa a notar-se grande afluência de romeiros com a aproximação da tradicional romaria de S. Bento da Porta Aberta.

É pena que este progressivo Santuário não esteja bem servido da estrada, como o exige o seu desusado movimento em qualquer época do ano, mas sobretudo em dias de festa. Despresou-se demais a estrada do Gerês, que também é a de um dos maiores Santuários do norte do País.

Há coisas, como esta da estrada do Gerês, que se não compreendem bem à luz do progresso verificado nas restantes estradas, de interesse turístico quase nulo em relação a esta. Resta-nos esperar uma solução, mas que surja quanto antes e por forma a não

voltarmos a este penoso assunto no próximo verão, porque assim o exige os interesses em causa de toda uma região que envolve o concelho de Terras de Bouro e não menos o concelho de Amares.

## Novos assinantes

Pelo sr. Victor Martins fomos indicados para novo assinante o Sr. João Batista Rodrigues, ausente na América.

Gostosamente fizemos a sua inscrição e agradecemos.

— Pelo sr. Delfim da Silva, residente na vila de Parede, fomos indicados para novo assinante o Sr. Evaristo Oliveira Soares, residente em Amadora—Lisboa.

## HUMORISMO

### RI-TE UM POUCO TAMBÉM...

#### Não sejas adiantado...

Mas que mulher feia!...  
—É minha irmã.

Não, eu referia-me à companheira dela.

—É minha mulher.

### A Fernandinha respondeu bem

Numa escola primária a professora explica as funestas consequências do roubo e tudo o mais que diz respeito ao furto.

Para ver se tinha sido compreendida pelas alunas, perguntou à mais pequenina de todas:

—Ora vejamos, Maria Fernandinha. Supõe que uma pessoa ia ao bolso de teu papá e lhe tirava todo o dinheiro que tinha na carteira, como chamavas a essa pessoa?...

... Mamã, responde a pequena imediatamente.

### Onde chega a sabedoria desta gente

Um guarda surpreende um caçador:

—Não sabe que é proibido caçar nesta propriedade?

—Sei, mas tenho licença verbal do dono.

—Mostre, se faz favor!!!

### Assim é que é...

Uma criada despede-se de seus amos por incompatibilidade de génio com a Senhora da casa e pede um certificado.

—Que queres que eu diga?—perguntou a Senhora.

—O que a Senhora quiser... Basta dizer que tive paciência bastante para suportar durante três meses.

(Cont. no próximo número)

## Agência Funerária

DE

### Manuel da Cunha

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzeiros e todos os serviços deste género.

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

No seu próprio interesse consulte esta casa em Coucieiro—Vila Verde

# Ares de Paradelas do Rio

— Findaram os trabalhos na Barragem, que ela está pronta.

Agora tudo — homens, casas e bagagens — tudo vai de rumo até Pisões, onde nova e grande obra vai ser desenvolvida pela HICA.

— Em luxuosos autocarros realizou-se um passeio até ao estaleiro do «Amoníaco Português», passeio que o CAT ofereceu aos seus sócios. De boa graça partiram e bem dispostos e... sem «Amoníaco» regressaram. Muito bem e bom proveito.

— Decorreram muito bem os exames de crianças, e de adultos.

Nestes não houve raposas. Naquelas quase nada houve.

Ainda bem, que os capoeiros são poucos e mal povoados.

— Regressaram da Praia da Aguda as meninas que fizeram parte do 2.º turno da Colónia

de Férias que a HICA organizou para os filhos dos seus empregados.

Se bem ou mal dispostas, se muito ou pouco contentes com o estágio de 28 dias, pode inferir-se desta verdade: — todas, mesmo todas, desejavam voltar logo de seguida.

— Ainda sem data, mas talvez em breve, mudemos também de rumo. Acertaremos o binóculo em Pisões e ficará caladinho o miradoiro de Paradelas.

Não foram muitas as vezes que falamos. Mas... mais vale ser desejado que aborrecido e é melhor o «fala rapaz» do que o «cala-te rapaz»!

Entretanto e até lá: ... resolvo calar o bico!...

A todos, os meus cumprimentos respeitosos.

Julho de 1958.

B. Ribeiro

## ALGUNS PASSOS DENTRO DE ESPANHA

(Continuação da 1.ª página)

ra que atrasou a progressão do comunismo e o obrigou a ir primeiro à Ásia e agora vai pelo Médio Oriente em vez de se implantar desde logo neste jardim da Península.

No centro da cidade encontra-se a Igreja da Divina Peregrina, magnífico edifício todo em pedra e com muita arte.

Os pontevedrenses, dedicam profunda crença à padroeira das suas «FIESTAS» que se realizam em 10, 14, 15 e 17 do corrente, tendo como número principal as suas conhecidas touradas.

Os espanhóis têm um comércio desenvolvido e de boa apresentação. Os estabelecimentos superiorizam os nossos, adoram as esplanadas a que as *senhoritas*, emprestam gala e imponência e não dispensam o *picadero* no qual mostram saber pisar com donaire.

A cidade tem bons edifícios: o Museu, com todos os escudos dos reis de Espanha, o Governo Civil, o *Ayuntamiento*, o *Palácio da Justicia*, o Quartel de Infantaria, a praça de touros, etc..

Trinta quilómetros antes de Pontevedra, surge-nos um braço de mar que seguimos até aquela cidade e que é de uma beleza rara. A esse braço de mar, vem desaguar o rio *Lerz* que é atravessado pela Ponte de Sampaio.

No centro de Pontevedra um vistoso monumento eri-

gado aos heróis da Ponte de

Sampaio lembra-nos que foi ali que os soldados de Espanha, animados por uma mulher, derrotaram as hostes de Napoleão aquando das invasões.

Quando falarmos da procissão poderão ver a ligação entre este facto e o Santíssimo Cristo da Vitória.

Pontevedra, capital de província, cidade de uns 30.000 habitantes não tem um jornal. Ao sabê-lo, no momento em que pedíamos o «*El Ideal Gallego*», jornal da Corunha, ficamos por momentos a lembrar-nos de que temos um cá no Concelho.

### A procissão, admirável e soleníssima manifestação

Chegados a Vigo brevemente soubemos que se ia ali realizar uma procissão. E que de todos os lados, pes-

soas de todas as camadas sociais, surgiam com grandes velas dirigindo-se na mesma direcção.

Pouco depois diante de nossos olhos desenrolava-se um cenário com um nome conhecido mas diferente de quantos temos visto — a passagem da procissão dedicada, anualmente, ao *Santísimo Cristo de la Victoria*.

Nas invasões francesas Vigo havia sido conquistado pelos intrusos. Na ria de Vigo Cristo apareceu aos tripulantes de um barco que vinha com sal e anunciou-lhe a vitória da Espanha. Foi, então, que na Ponte de Sampaio, sobre o rio *Lerz*, as forças espanholas venceram. Desde então, todos os anos, há uma procissão dedicada ao Santíssimo Cristo que anunciou e deu a vitória ao povo de Vigo e à Espanha.

Esta procissão só se compreende inteiramente se se vir. Nada de figuras alegóricas e de pálios, um só andor. Nada de músicas e de associações religiosas.

Só povo e no fim as autoridades. Cada pessoa com uma grande vela e muitas, descalças, cumprindo promessas. Pelos alto-falantes um prægador faz um sermão em voz baixa e reza.

A grandiosidade, a impo-

## DAQUI... PARADELA DO RIO — INFELIZMENTE... É VERDADE!

Dizem os bons mestres que nunca se deve perder a oportunidade dos assuntos. Há que debatê-los com afinco e sem fraqueza moral nem contemporização com os delinquentes. E disto há muita falta nos nossos dias.

Pois bem, que os mestres me ajudem hoje e sempre e que nos meus leitores haja mestres para corrigir e... consentir.

Quer em verbo quer em letra de fôrma, anda por aí caridade a rodos. Ainda bem...

Contudo, caridade verdadeira, caridade com Cristo e por Cristo, caridade sem limites, disso há pouco e muito pouco.

Daquela caridade que o Santo Apóstolo dos nossos dias, o grande Pai Américo, ensinou e praticou... há pobreza e mais nada! É triste mas é verdade.

Do muito que Portugal pratica em caridade, falou, prégou e condenou o apóstolo da rua. Como prova irrefutável, aí está a maravilhosa e santa Obra que herdamos do inesquecível sa-

relatório de concursados funcionários. É uma caridade coada e recoada, sem miolo. Só dá migalha ao pobre e côdea ao quase pobre.

Ficariam abismados os «muito caridosos» que promovem bailes de caridade, os arraiais de beneficência, os peditórios com foguetes e música e com o indispensável *chazinho* no final para as requintadas «apóstolas» do peditório, se os acusássemos de praticar uma *caridade-vaideade*, só balofa e sem credo. Mas é verdade. Quando o pobre enfrenta o portal e bate às portas do coração, são esses que o despedem com uma negativa áspera, quase rancorosa.

Claro, para eles basta a trabalhadeira dos bailes, das festas de caridade.

Que belo! Daí a um ano, os pobres dos pobres que ainda resistiram irão para a bicha e receber uma avultada esmola (!) de 2\$50, não sem que primeiro batam palmas e vitorem os incansáveis apóstolos da caridade!...

Eia, que há mais. Não é segredo nem desonra dizer em público que Portugal tem muitos pobres. Há por aí milhares de crianças portuguesas que, sem culpa própria, lutam com falta de ar puro, de pão, de agasalhos, da vida de campo ou de banhos de mar. O Estado, algumas empresas muito ricas, a M. P., e poucas mais, vão amparando a presente necessidade com algumas Colónias de Férias, com umas rações de pão e de caldo nas Cantinas Escolares e também com vestidos mais ou menos apropriados às idades, ao sexo e ao custo — mas bem pouco confortáveis para a estação de ano e para o âmagda necessidade.

Os portugueses ricos e *agrande devedores*... não se aproximam, não cooperam porque dar 1\$00 para tapar uma lucuna de mil... é irrisório, é roubo, é crime que o inferno pagará!

Contudo eles reservam-se para disputar a posse (!) de crianças estrangeiras!!! Países, talvez mais remediados que o nosso, não-de registar o espírito caridoso e patriota de al-

(Continua na 3.ª página)

### AOS ASSINANTES DO ESTRANGEIRO E ULTRAMAR

Chamamos a atenção dos nossos assinantes do Estrangeiro e Ultramar, para a nova tabela de preços de assinaturas, pela qual poderão ver que foi feita uma considerável redução a partir do segundo semestre do corrente ano. Esta iniciativa de redução de preços fez-se com o intuito de mais rápida expansão do nosso semanário e esperamos ser ajudados por todos os conterrâneos ausentes a conseguir esta finalidade. Muito agradecemos que os assinantes que receberam listas, as devolvessem preenchidas com os no-	Ultramar e Brasil		mes de conterrâneos nossos, para fazermos a devida propaganda junto dessas pessoas, aproveitando esta baixa de preços. Também se espera a maior diligência no pagamento de assinaturas em atraso, para podermos manter estes preços, sem esquecer que o pagamento é adiantado, como em todos os jornais. DEVE COMPREENDE-SE QUE O JORNAL É DE TODOS OS ASSINANTES E QUE, SÓ COM O SEU AUXÍLIO, SE PODERÁ MANTER E ENGRANDECER.
	(via marítima)		
	Semestre . . . . .	30\$00	
	Ano . . . . .	60\$00	
	(via aérea)		
	Semestre . . . . .	75\$00	
Ano . . . . .	150\$00		
Estrangeiro:			
(via marítima)			
Semestre . . . . .	40\$00		
Ano . . . . .	80\$00		
(via aérea)			
Semestre . . . . .	90\$00		
Ano . . . . .	180\$00		

nência, o impressionante está só nisto: o cortejo é formado por 5 filas de povo, que seguem paralelamente na rua. Todos levam a sua vela a arder, todos mostram o maior respeito e muitos seguem descalços e não obstante seguir em 5 filas, a procissão levou 3 horas a passar. Se fora em duas filas teria que recolher de madrugada.

A maior da Espanha, em comentários ouvidos, grande, profundamente grande na imponência do número e na sensibilidade da fé e do reconhecimento denotados.

No género não conhecemos tamanha em Portugal: Dizemos género porque a grandiosidade não é fruto de uma concentração que advem de romagem, peregrinação ou quejando, mas porque o povo vai só para aquilo na sequência da Crença que o arrasta.

Os espanhóis — a espanhola, especialmente — exagerados no seu quotidiano, de aparência menos recolhida, aparecem-nos ali deixando as suas sedas mimosas das meias a calçar as pedras cobertas de resíduos, alma na face, face na alma, desfigurados na sua vaidade, espelho da sua piedade.

Não se calcula, sente-se

bio na arte de praticar esta virtude.

Há por aí quem se diga caridade, só porou «trabalha» na *Caridade-profissão*. Esta, que é falsa, nem é coerente nem salutar. É o trocadilho da caridade organizada, mas sem alicerces, apesar dos inúmeros livros de contas, dos

vendo. Que a possam ver muitos portugueses, são os nossos votos.

No próximo número diremos o resto, do resto do passeio. J. M.



FUNDADA EM 1835

## COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Dr. Fernando Adelino Faria Ferreira

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

CALDELAS